

O CRIOULO DE SANTIAGO (REPÚBLICA DE CABO VERDE)

NICOLAS QUINT-ABRIAL
(CNRS/LLACAN)

Introdução

Na República de Cabo Verde, a par do Português, língua oficial e de escrita, fala-se o crioulo ou língua caboverdiana, que constitui o vernáculo e o idioma mais correntemente usado pelo conjunto da população caboverdiana. Em Cabo Verde, o Português é a língua da escola e da administração e também a língua que escritores como Baltasar Lopes, Germano Almeida, e muitos outros, escolheram para falar da sua terra, e da gente que nela vive. No entanto, na sua vida quotidiana, os caboverdianos falam, pensam, amam, têm expectativas e experimentam emoções em crioulo.

Quando, em 1995, cheguei a Cabo Verde em cumprimento do serviço militar no quadro da cooperação francesa, já tinha estudado a língua portuguesa e era capaz de me exprimir neste idioma. Mas depressa percebi que o Português não era suficiente para entrar na intimidade dos caboverdianos, e que precisava de aprender o crioulo para poder participar directamente nas conversas da rua e na vida do país.

Portanto comecei logo a aprender Caboverdiano. Mas essa não foi uma aprendizagem fácil porque não havia dicionários de crioulo, apenas umas quantas gramáticas, nenhum método, nenhuma aula (que soubesse) para os estrangeiros. A aquisição do Caboverdiano foi um esforço de cada momento, procurava regras e tentava descobrir o significado das palavras, perguntando, ouvindo, escutando e pedindo explicações. Às vezes tinha a impressão de andar às apalpadelas numa floresta de palavras, de flexões, de expressões, cuja coerência e princípios organizadores me pareciam opacos ou fugitivos.

Porém, os meus numerosos amigos caboverdianos sempre me animaram a prosseguir e, a pouco e pouco, os mistérios da língua crioula foram-se

desvanecendo, e passei a compreendê-la melhor, podendo participar nas conversas e, em consequência, conhecer mais caboverdianos, conviver mais com eles, e aprender mais coisas ainda sobre a sua língua. No fim da minha estadia em Cabo Verde, que durou cerca de dois anos, acumulara uma quantidade importante de dados e informações de primeira mão (ou melhor dito: de primeira boca) sobre a língua caboverdiana e, mais particularmente, sobre o crioulo da ilha de Santiago, onde residi na maior parte do tempo em que estive no Arquipélago. Sendo essa língua ainda pouco conhecida, julguei que o que aprendera dela podia interessar a outros linguistas e investigadores, e decidi consagrar a minha tese de doutoramento em linguística hispânica à descrição e compreensão da língua caboverdiana, nomeadamente da sua variante santiaguense.

Esta tese, ao lado de várias publicações lexicais bilingues propondo traduções do Caboverdiano para (ou a partir de) o Francês ou o Português¹, constituiu o essencial das minhas pesquisas sobre o Caboverdiano. Nessa comunicação, vou tentar fazer uma breve síntese destas investigações, destacando os temas que me parecem ser mais característicos e interessantes de um ponto de vista linguístico, a saber:

1. a *originalidade do crioulo santiaguense* relativamente ao Português e a outras línguas;
2. as *perspectivas filológicas* que oferece o estudo de dito crioulo;
3. o *aspecto socio-linguístico* que tem aqui uma relevância particular, tendo em conta os problemas de diglossia da sociedade caboverdiana contemporânea.

I. Originalidade do Crioulo Santiaguense

A primeira coisa que posso aqui afirmar é que, no contrário do que ainda acreditam certas pessoas (e até certos caboverdianos), o crioulo não é nenhum dialecto do Português, também não é Português "mal" falado. Trata-se duma língua mestiça afro-portuguesa, mas dotada também de características próprias, que a destringem nitidamente do Português bem como das línguas africanas.

1.1. Uma língua mestiça

O Caboverdiano é uma língua mestiça, ou seja, uma língua que surgiu do encontro de várias outras, na ocorrência o Português, levado para a África pelos descobridores quinhentistas, e o Mandinga, o Wolof e o Timené, línguas faladas na costa ocidental da África, frente ao arquipélago de Cabo Verde. O Caboverdiano moderno falado na ilha de Santiago reflecte, na sua estrutura e gramática, este encontro entre a África e a Europa.

O Português deu ao crioulo a esmagadora maioria do seu léxico (aproximadamente 95% do vocabulário é de origem portuguesa). As palavras lusas

sofreram várias transformações, mas na maioria dos casos, ainda é bastante fácil reconhecer o étimo português.

Exemplos:

1. alteração fonética: santiaguense **mudjér, konxi** /mu'dʒer, 'kõji/ < port. *mulher, conhecer*.

2. alteração semântica: o verbo santiaguense **kostuma** /kos'tumɐ/ provém evidentemente do português *costumar*. Mas no crioulo, na maioria das vezes, não significa *ter o hábito de*, mas *já ter feito* [alguma coisa], como no enunciado **bu kostuma bai Práia?**, que significa *já estiveste na Praia?* (literalmente: tu + já ter feito + ir + Praia).

Os significados e significantes das palavras portuguesas mudaram. Contudo pode dizer-se que o crioulo caboverdiano é lexicalmente uma língua novi-portuguesa (bem como o Português é uma língua novi-latina), com base lexical portuguesa.

Mas as estruturas mandinga, wolof e outras deixaram numerosas marcas na morfologia da língua, em particular no verbo, cujo funcionamento é muitas vezes irredutível ao sistema português (ou das línguas românicas).

Consideremos por exemplo a forma verbal portuguesa seguinte, e o seu equivalente mais próximo em crioulo caboverdiano:

- port. *conheço* /ku'ñesu/ ± cv. **m-konxi** /'kõji/.

Ambas as formas podem ser decompostas em três monemas (ou unidades de sentido) como fica indicado no Quadro I, supondo que os monemas caboverdianos têm o mesmo valor do que os seus correspondentes portugueses.

Quadro I - Decomposição monemática duma forma verbal portuguesa e caboverdiana

Monema	Significado port.	Port.	Cv.
Lexema	<i>conhecer</i>	/ku'ñes/-	/kõji/
Morfema	Sujeito (1 pess. sing.)	-/u/	/-/-
Morfema	Pres. Ind.	∅	∅

Em Português (salvo diferenças entre modelos de conjugação) uma marca desinencial verbal tem o mesmo valor em todos os verbos em que aparece. No caso considerado, a combinação da marca pessoal *-/u/* e da marca modo-temporal *∅* remete sempre, qualquer que seja o verbo considerado, para a *primeira pessoa do presente de indicativo* (PPPI).

Exemplo:

— seja o verbo português *vender* /vê'der/. O lexema deste verbo é /vêd/-. A forma *vendo* /vêdu/ é efectivamente a PPPI do verbo *vender*.

Mas o crioulo não se porta desta maneira. Em santiaguense, o verbo correspondente a vender é **bendi** /'bêdi/. Se nos referirmos ao Quadro 1, em que tentámos estabelecer uma correspondência entre o sistema crioulo e português, a forma *vendo* havia-de corresponder a **m-bendi** /'~bêdi/ no crioulo. De facto, a forma **m-bendi** existe em Caboverdiano, no entanto não significa *vendo*, mas *vendi* (ou seja traduz-se geralmente pelo pretérito perfeito português).

Assim, no sistema verbal crioulo, a marca zero (= \emptyset) pode corresponder alternativamente:

1. ao presente de indicativo Português: cv. **m-konxi** = port. *conheço*;
2. ao pretérito definido português: cv. **m-bendi** = port. *vendi*.

Esse facto, muito estranho para uma mente portuguesa ou francesa, compreende-se melhor, sabendo que o crioulo caboverdiano privilegia a noção de aspecto no seu sistema verbal. Em Português *conheço* e *vendi* remetem para *dois tempos* diferentes. Em crioulo, **m-konxi** e **m-bendi** são flexionados *no mesmo aspecto*, o aspecto *cumprido*², que indica que uma acção verbal foi completamente cumprida, está totalmente realizada no momento da enunciação.

Em crioulo, se dissermos **m-bendi**, isso significa que, no momento em que estou a falar, *acabei de vender*. E isso corresponde ao pretérito português, neste caso à forma *vendi*. Mas quando se trata de *conhecer* alguém (ou alguma coisa), o caso é diferente. Se no passado conheci bem uma pessoa, no momento em que estou a falar (a não ser que eu seja amnésico) *ainda a conheço*. O facto de conhecer é resultado de uma aprendizagem. Assim, o crioulo **m-konxi** poderia ser glosado em Português por *acabei de conhecer*, *aprendi a conhecer*, ou *cumpri o acto de conhecer*, o que na prática significa efectivamente *conheço*.

O papel tão importante que desempenha o aspecto verbal em crioulo caboverdiano é um traço africano, que se encontra em muitas línguas da costa oeste-africana. Em Mandinga e em Wolof, as duas línguas que mais influenciaram o crioulo, o comportamento dos equivalentes lexicais de *conhecer* e *vender* é exactamente o mesmo que em Caboverdiano³.

Como o vocabulário permite dizer que o Caboverdiano é uma língua novi-portuguesa, o funcionamento do sistema verbal faz do crioulo uma língua novi-africana. A língua do arquipélago de Cabo Verde é fundamentalmente mestiça.

1.2. Uma língua crioula

O Caboverdiano tem também características próprias, muitas vezes inerentes ao seu carácter de língua crioula, e às condições traumáticas da sua génese. Os primeiros locutores do Caboverdiano foram sem dúvida os escravos levados da costa africana para o Arquipélago pelos portugueses. Arrancados à sua terra e às suas culturas, falando línguas diferentes, os primeiros caboverdianos tiveram de forjar rapidamente uma nova língua, para se entenderem. O desenraizamento dos africanos e a necessidade urgente de poder comunicar

explicam provavelmente em grande parte uma característica do Caboverdiano, que também se encontra na grande maioria das línguas crioulas: o *princípio de economia*. Os idiomas crioulos, mais do que outras línguas, tendem a exprimir o maior número de coisas possível com um mínimo de elementos.

Exemplo:

— port. *três mulheres* /treʃ mu'ʎerɐʃ/ ≠ cv. *três mudjér* /tres mu'dzer/.

Neste caso, o Português, mediante a desinência '-/ɐʃ/', marca o plural do substantivo *mulher*. O substantivo caboverdiano correspondente, *mudjér*, não é flexionado. A forma plural *mudjeris* /mu'dzeris/ existe porém em crioulo, mas aqui não se usa, porque o numeral *três* basta para indicar a noção de pluralidade.

O enunciado português tem duas marcas de plural (sublinhadas) num mesmo grupo nominal, ou seja o plural português é *redundante*. Seguindo o princípio de economia, o Caboverdiano suprimiu esta redundância de número.

Neste exemplo, considerámos uma aplicação do princípio de economia à morfologia do crioulo santiaguense. Este princípio aplica-se também ao inventário dos fonemas, à sintaxe e ao léxico, ou seja à totalidade da língua caboverdiana. De facto um texto em crioulo é quase sempre mais curto do que um texto em Português ou em Francês⁴. O santiaguense rural só conhece um verbo irregular, *sér, ser!* Esta concisão, esta simplicidade estrutural, frente às línguas românicas ou africanas, parecem caracterizar bem o Caboverdiano como língua crioula.

II. Perspectivas Filológicas

I.1. Contribuição para a elaboração duma filologia crioula

Em relação às outras línguas crioulas, o crioulo caboverdiano, e particularmente a variedade santiaguense, tem um interesse histórico particular, já que se trata provavelmente da mais antiga língua afro-europeia, na ocorrência afro-portuguesa. As ilhas de Cabo Verde foram descobertas em 1462 pelos portugueses e rapidamente povoadas. Santiago foi a primeira ilha a ser povoada, representando os escravos, em 1582⁵, 87,5% da população. Esses escravos eram negros vindos da África, que conviviam com seus senhores portugueses. Já no século XVI a sociedade caboverdiana era mestiça, e é muito provável que nesse século se tenha também iniciado em Santiago a formação do crioulo, ou seja, a mestiçagem das línguas portuguesa e africanas.

Esses dados históricos, por uma parte, e, por outra parte, a descrição sistemática (fónica, morfológica e lexical) que fiz na minha tese do crioulo de Santiago permitiram-me trazer elementos novos quanto à classificação dos crioulos com base lexical portuguesa ou espanhola, e aprofundar as comparações já iniciadas entre essas línguas e dialectos.

I.1.1. O santiaguense e os outros crioulos caboverdianos

Os meus estudos confirmam que os crioulos caboverdianos se podem agrupar em dois conjuntos:

- os crioulos de Sotavento (ilhas de Santiago, Maio, Fogo, Brava);
- os crioulos de Barlavento (ilhas de Boa Vista, Sal, São Nicolau, São Vicente, Sant'Antão), mais influenciados pelo Português do que os de Sotavento.

O crioulo de Santiago destaca-se, de maneira geral, pelo seu carácter mais conservador e também por uma influência mais marcada das línguas africanas. Pelo que já se sabe dos crioulos de Cabo Verde, é de supor que o crioulo caboverdiano nasceu primeiro em Santiago (e talvez também no Fogo), e depois irradiou para as demais ilhas. Santiago aparece logo como um ponto de partida na história do povoamento de Cabo Verde e da formação das diversas variantes insulares do crioulo caboverdiano.

A existência do berço santiaguense permite, em particular, explicar os caboverdianismos, ou traços linguísticos comuns às várias ilhas do Arquipélago de Cabo Verde, que caracterizam o Caboverdiano em relação a outras línguas crioulas, como o uso de palavras derivadas dos vocábulos portugueses *cabeça*, *companheiro*, para exprimir respectivamente a reflexividade e a reciprocidade.

Exemplos:

- stg. *e máta kabésa* /e 'mate kə'besə/ *suicidou-se*, lit. "ele matar cabeça";
- stg. *ês gosta di kumpanheru* /es 'gostə di kûpə'ñeru/ *gostam um do outro*, lit. "eles gostar de companheiro".

I.1.2. Os crioulos portugueses da África do Oeste

Sabendo que o santiaguense é a variedade mais conservadora do Arquipélago de Cabo Verde, ele pode servir de base para estabelecer comparações sistemáticas entre o crioulo caboverdiano (em geral) e outras línguas crioulas com base portuguesa (ou espanhola). Essas comparações levaram-me à conclusão de que o crioulo caboverdiano, o crioulo da Guiné-Casamansa e o papiamento (falado nas ilhas de Aruba, Bonaire e Curaçao, ou ilhas ABC) das Antilhas Neerlandesas formam uma família linguística, a *família dos crioulos portugueses da África do Oeste*, derivada dum antepassado comum, o chamado *Proto-Crioulo da África do Oeste* (PCAO).

Essa conclusão tem duas consequências científicas importantes:

1. confirma e reforça a hipótese, já formulada, entre outros, pelo linguista curaçoleno Frank Martinus⁶, dum parentesco comum entre o papiamento e o Caboverdiano, embora o crioulo do ABC apresente uma influência espanhola superior à do Português no seu léxico. Mas o léxico não basta para comparar duas línguas e, no caso do papiamento e do Caboverdiano, o sistema aspectual dos

verbos constitui um argumento decisivo a favor duma origem comum das duas línguas;

2. o antepassado dos três crioulos considerados (Caboverdiano, Guineense e papiamento) não é directamente o Português: existiu um *estádio intermédio*, o PCAO, cuja existência permite explicar os pontos comuns entre estas línguas crioulas, e que pode ser parcialmente reconstruído. Assim, as formas caboverdiana **sukuru** /su'kuru/, guineense **sukuru** /su'kuru/ e papiamenta **sukú** /su'ku/ remontam a uma forma PCAO única ***sukuru** /su'kuru/ < port. *escuro*.

As condições exactas da génese do PCAO levantam várias interrogações. O PCAO poderia ter tido como origem um pidgín que serviu de língua comercial entre os portugueses e os africanos da antiga capitania de Cabo Verde (do Senegal à Serra Leoa). Por várias considerações linguísticas e históricas (ausência de substrato africano, estabelecimento precoce dos portugueses...), é razoável pensar que Santiago foi o primeiro lugar onde o PCAO foi falado como língua materna, e que logo este PCAO foi transportado para as costas da Guiné (formação do Guineense) ou, através do Atlântico, até as ilhas ABC (formação do papiamento). O PCAO é então uma forma arcaica do crioulo da ilha de Santiago, que também parece ter sido o berço dos crioulos portugueses da África do Oeste.

1.1.3. Os crioulos com base portuguesa ou espanhola

O santiaguense apresenta características linguísticas presentes em várias comunidades falando crioulos com base lexical portuguesa ou espanhola⁷. Por exemplo, em santiaguense, *tornozelo* diz-se **odju'l pé**, lit. "olho d(o) pé", uma composição que se encontra tal qual:

- no crioulo português de Malaca, na Malásia: **olo di pe(o)**⁸.
- no crioulo espanhol do Palenque de San Basilio (ou Palenquero), na Colômbia: **ojo-ri-pie**⁹.

Existe assim uma série de semelhanças lexicais e gramaticais curiosas entre os crioulos portugueses e espanhóis falados duma ponta à outra do planeta. Os exemplos são demasiado numerosos para que se trate dum mero acaso. O único ponto comum entre esses pontos crioulófonos (por exemplo Cabo Verde e Malaca), foram os navegadores portugueses, mas muitas das semelhanças apontadas (como no caso de *tornozelo*) não se encontram no Português. É de supor que os marinheiros portugueses veicularam com eles uma forma de crioulo ou de pidgín, que usavam para negociar ou comunicar com os não-portugueses que formavam parte das tripulações. Chamo *Proto-Crioulo Originário* (PCO) a esse idioma veiculado pelas naus quinhentistas. O PCO teria servido de base para a formação de vários crioulos portugueses. É possível que o chabacano das Filipinas e o Palenquero da Colômbia provenham também do PCO, mediante uma relexificação sob influência do espanhol. O crioulo de Santiago, que foi

provavelmente o primeiro ponto de criouliização quando da expansão portuguesa, podia ter desempenhado um papel importante na formação do PCO.

1.2. Interesse para a filologia portuguesa e africana

O carácter mestiço do crioulo de Santiago e o facto de ele se ter formado há cinco séculos faz desta língua uma testemunha preciosa para os estudiosos de filologia portuguesa ou africana.

Exemplos:

1. as palavras santiaguenses **tchoma**, **tchuba** /'tʃoma, 'tʃubə/ *chamar*, *chuva*, são uma prova (entre outras) da existência da africada surda /tʃ/ no Português dos séculos XVI e XVII, em que *chamar* e *chuva* se pronunciavam respectivamente /tʃe'mar, 'tʃuva/;

2. a própria identidade das palavras portuguesas integradas ao crioulo santiaguense dá indicações interessantíssimas sobre o vocabulário corrente da língua oral portuguesa de há três ou quatro séculos (em particular sobre a gíria dos marinheiros daquela época, que levaram os vocábulos lusos para a África). Assim o crioulo santiaguense desconhece a palavra portuguesa *cão*¹⁰, à qual preferiu **katchór** /kə'tʃOr/, vinda do Português *cachorro*. Entre duas palavras de sentidos parecidos na sua língua mãe, o Português, o crioulo santiaguense elegeu uma, que provavelmente era mais usada pelos portugueses naquela altura;

3. a palavra **bindi** /'bîdi/ *binde*, forma para fazer o cuscuz de milho, derivada do Wolof *yinde*, é um indício importante para reconstituir a história da morfologia desta língua africana, para a qual não temos documentos escritos antes do século XIX. O Wolof moderno conhece uma espécie de artigo que se coloca atrás do nome. No caso de *yinde*, o artigo de proximidade é *bi*: *yinde-bi* significa "o *binde*" ou "este *binde*" em Wolof moderno. Mas a forma santiaguense **bindi** deixa supôr que há alguns séculos, o artigo estava colocado à frente do nome em Wolof (**bi-yinde*).

O conhecimento duma língua crioula, como o Caboverdiano, permite também conhecer melhor as línguas que contribuíram para a sua formação.

III. Aspectos Sócio-Linguísticos

III.1. O bilinguismo em Cabo Verde e as suas consequências

O estudo do crioulo santiaguense e, em geral, das diversas variedades da língua crioula caboverdiana, tem também uma faceta sócio-linguística muito importante. Hoje em dia, na sociedade caboverdiana, coexistem duas línguas, com estatutos diferentes:

— o Português é a língua oficial, usado na escrita e em situações formais de comunicação. É a única língua utilizada na escola, na imprensa, e no parlamento. Predomina nitidamente nos *media* audiovisuais e no culto católico (mais de 90% dos caboverdianos são católicos praticantes).

— o crioulo é a língua da conversa quotidiana e das relações privadas. Usa-se em casa mas também no trabalho, em reuniões públicas. Nas campanhas eleitorais de 1996, a maioria dos homens políticos expressou-se várias vezes em crioulo.

Considerando a diferença de estatuto entre as duas línguas, pode dizer-se que a sociedade caboverdiana contemporânea vive uma situação de *diglossia*, ou seja, de bilinguismo desequilibrado. Para resumir, os caboverdianos têm de escrever uma língua (o Português) que não têm o hábito de falar, o que gera problemas importantes para a sociedade caboverdiana, em particular no plano escolar.

De facto, a criança caboverdiana, ao entrar na escola, é imediatamente considerada como lusofalante, e não o é. Também os próprios professores são de língua materna crioula, e muitas vezes só aproximadamente dominam o Português. Ademais, a proximidade lexical entre o crioulo e o Português aumenta os riscos de confusões entre ambas as línguas: o sentido particular, acima referido¹¹ da palavra santiaguense *kostuma* /kos'tumɐ/ *já ter feito alguma coisa* (e não sempre *costumar*), é só um exemplo dos problemas que pode suscitar a aprendizagem do Português para um aluno caboverdiano, sem ter em conta a estrutura da sua língua materna, o crioulo caboverdiano.

Do sistema escolar actual resultam dois grandes inconvenientes:

— a taxa de insucesso escolar é muito grande, em particular nas famílias mais modestas (a grande maioria da população), em que o Português não faz parte da vida quotidiana e familiar;

— os alunos, que aprendem o Português e continuam a falar o crioulo, tendem a misturar as duas línguas, e muitas vezes alteram a sua língua materna (aportuguesando-a), mas adquirem imperfeitamente os mecanismos da língua portuguesa (falando um Português cheio de crioulistos), o que conduz a uma perda de referências linguísticas e dificulta uma comunicação eficaz em âmbitos académicos ou profissionais.

III.2. Qual futuro para o crioulo caboverdiano?

Frente à actual situação linguística, que tem o aspecto de caos, há duas maneiras de encarar o futuro do crioulo caboverdiano:

1. o crioulo tem de desaparecer. Essa opção é defendida pelas pessoas que vêem no crioulo um obstáculo à escolarização em Português e ao desenvolvimento da República de Cabo Verde. De facto, se a escola e os *media* continuarem a usar quase-exclusivamente o Português, o crioulo é condenado a médio prazo. No entanto, para que o Português substitua o crioulo como língua materna dos Caboverdianos, serão precisos pelo menos entre vinte e quarenta anos, supondo que o Estado Caboverdiano tenha os meios humanos e financeiros para apoiar durante todo esse tempo uma lusitanização total da sua população.

Uma tal política linguística seria de todas as formas desastrosa para as gerações do período de transição, que misturariam ainda mais o crioulo e o Português. E não é certo que a destruição do crioulo levasse directamente ao uso do Português de referência.

2. o crioulo tem de ser introduzido no sistema de ensino, como primeira língua de acesso ao conhecimento. Depois as crianças poderiam aprender, a partir do crioulo, que é a sua língua materna, o Português, e logo outras línguas de ampla difusão, como o Inglês e o Francês. Essa solução tem duas grandes vantagens:

2.1. o uso da língua materna dos alunos (o crioulo) como ferramenta de ensino facilitaria a integração destes alunos no quadro escolar, e permitir-lhes-ia uma aprendizagem mais eficaz e mais racional do Português e das várias disciplinas escolares;

2.2. o desenvolvimento do crioulo no quadro escolar fortaleceria a identidade linguística e cultural caboverdiana, e favoreceria em particular o uso escrito da língua autóctone, «a mais nobre criação de todos os tempos do Povo Caboverdiano¹²», segundo António Manuel Mascarenhas Monteiro, Presidente da República de Cabo Verde.

É a segunda opção que parece terem escolhido os deputados caboverdianos quando votaram, em Março de 1998, a lei que faz do crioulo a língua nacional da República de Cabo Verde, sendo o Português a primeira língua estrangeira do país.

Conclusão

O estudo sincrónico e diacrónico do crioulo caboverdiano, e em particular da variedade santiaguense interessa vários tipos de linguistas, e em particular os lusitanistas, crioulistas e africanistas. No entanto, tendo em conta os problemas actuais de diglossia e de interferências entre o Português e o Caboverdiano, gostaria de concluir salientando *o papel social que podem desempenhar os linguistas em países que, como Cabo Verde, ainda não têm a sorte de dispor das ferramentas linguísticas necessárias para usarem a língua materna da população como língua de ensino e de cultura escrita.*

No caso do Caboverdiano, vários pesquisadores, caboverdianos, portugueses, franceses, alemães, etc., estão a tentar elaborar essas ferramentas¹³. A partir dos levantamentos linguísticos que fiz em Cabo Verde, foram publicados léxicos e dicionários de Caboverdiano-Francês e de Francês-Caboverdiano¹⁴. Mais recentemente, graças a uma colaboração com a empresa portuguesa Verbalis, de computação e linguagem, conseguimos produzir o primeiro dicionário normativo de Caboverdiano-Português¹⁵, e tencionamos continuar com um dicionário de Português-Caboverdiano e um método para a aprendizagem da língua caboverdiana.

O facto de os nossos esforços e os de outros estudiosos contribuírem para elevar a língua e cultura cabo-verdianas ao lugar que merecem no seu próprio país e na comunidade lusófona será sem dúvida a nossa melhor recompensa, como linguistas e investigadores.

Notas

- 1 Cf. Nicolas Quint [Abrial], *Lexique créole de Santiago-français*, Praia, Ed. de autor, 1996; Nicolas Quint, *Dictionnaire français-cap-verdien*, Paris, L'Harmattan, 1997; *Dicionário de Caboverdiano-Português*, Lisboa, Verbalis, 1998, versão livro e CD-ROM; *Dictionnaire cap-verdien-français*, Paris, L'Harmattan, 1999. Para o dicionário de Caboverdiano-Português, refira-se a **Apresentação do dicionário de Caboverdiano-Português**, feita nesse mesmo encontro da A.P.L.
- 2 Preferi utilizar o termo *cumprido*, seguindo as terminologias inglesa (*accomplished*) e francesa (*accompli*), e descartar a palavra *perfeito*, para evitar confusões com o pretérito perfeito do português.
- 3 Para mais pormenores sobre a influência africana no sistema verbal do crioulo, refira-se a Nicolas Quint, *Grammaire de la langue cap-verdienne*, Paris, L'Harmattan, 2000.
- 4 Cf. por exemplo o prefácio trilingue de Nicolas Quint, *Dictionnaire français-cap-verdien*, Paris, L'Harmattan, 1997, pp. V-X.
- 5 António Carreira, *O crioulo de Cabo Verde, surto e expansão*, Lisboa, 1984.
- 6 Efraim Frank Martinus, *The Kiss of a Slave, Papiamentu's West-African Connections*, Curaçao, Éd. De Curaçaosche Courant, 1997.
- 7 Para abranger os crioulos de origem portuguesa e espanhola, utilizei na minha tese o termo *hispánico* (em francês *hispanique*), que se refere à Hispania romana, ou seja, ao conjunto formado por Portugal e Espanha e, em termos linguísticos, a sub-família hispano-românica (galego-português, astur-leonês, castelhano e aragonês) das línguas românicas (o catalão faz parte das línguas galo-românicas).
- 8 António da Silva Rêgo, *Dialecto português de Malaca e outros escritos*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998 (reed. 1942), p. 149.
- 9 Exemplo amavelmente fornecido por Yves Moñino Orlianges, em Setembro 1999, no I.L.A.C.A.N (C.N.R.S.), vindo do seu artigo «El proceso de formación de las lexías en la lengua criolla de Palenque: ¿simplificación o reestructuración?», apresentado em Bogotá, no Seminario del C.C.E.L.A., nos dias 19-30 de Outubro de 1998.
- 10 A palavra *cão* sobrevive no crioulo unicamente em expressões fósseis, como **midju denti-kom**, *espiga de milho mal fecundada com grãos dispostos em carreiras descontínuas*, lit. "milho (em) dente (de) cão".
- 11 Cf. I.L. Uma língua mestiça.

- 12 António Manuel Mascarenhas Monteiro, Presidente da República de Cabo Verde, «Prefácio» do livro de Nicolas Quint, *Grammaire de la langue cap-verdienne*, Paris, L'Harmattan, 2000.
- 13 Entre esses trabalhos, destacam-se em particular, as gramáticas do crioulo do linguista caboverdiano Manuel Veiga, *Diskrison strutural di lingua kabuverdianu*, Praia, Instituto Kabuverdianu di Livru, 1982; *Introdução à gramática do crioulo*, Praia, Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco, 1995, e os projectos de dicionário do Caboverdiano de Manuel Veiga e da equipa dirigida pelo alemão Jürgen Lang.
- 14 Nicolas Quint [Abrial], *Lexique créole de Santiago-français*, Praia, Ed. de autor, 1996; *Dictionnaire français-cap-verdien*, Paris, L'Harmattan, 1997; *Dictionnaire cap-verdien-français*, Paris, L'Harmattan, 1999.
- 15 Nicolas Quint, *Dicionário de Caboverdiano-Português*, Lisboa, Verbalis, 1998, versões livro e CD-ROM. Este dicionário foi objecto de uma comunicação específica neste mesmo colóquio da A.P.L.

Bibliografia

- ANDRADE Ernesto d' & KIHM Alain, *Actas do colóquio sobre crioulos de base lexical portuguesa*, Lisboa, Ed. Colibri, 1992.
- AVELINO PIRES Haideia, «Analyse contrastive de la flexion nominale du créole de Santiago (Cap-Vert)», in : *Études créoles*, Montréal, Ed. A.C.C.T./ A.U.P.E.L.F., 1995, Vol. XVIII, N°1.
- BAL Willy, *Afro-romanica studia*, Albufarcira, Ed. Poseidon, 1979.
- BAL Willy, *O destino de palavras de origem portuguesa num dialecto quicongo*, Louvain, Ed. Université catholique de Louvain, 1974, Separata de Revista portuguesa de filologia, Vol XV, tomes I&II.
- BAPTISTA Marlyse, *The Morpho-syntax of Nominal and Verbal Categories in Capeverdean Creole*, Ann Arbor (Michigan), Ed. UMI Dissertations Services, 1997.
- CABRAL Nelson Eurico, «Les créoles portugais en Afrique de l'Ouest», in: *Revue internationale des sciences sociales sur le langage*, Paris, Ed. Unesco, 1981, Vol. XXXVI, n°1.
- CABRAL Nelson Eurico, «Réflexion autour du créole ou des créoles parlés dans l'archipel du Cap-Vert», in : *Études Créoles*, Montréal, Ed. A.C.C.T./ A.U.P.E.L.F., 1981, Vol III, n°1, pp. 34-41.
- CARDOSO Eduardo Augusto, *O crioulo da ilha de S. Nicolau de Cabo Verde*, Lisboa/ Praia, Ed. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa/ Instituto Caboverdiano do Livro, 1989.
- Centre d'Études et de Recherches en Planification Linguistique, *Créolistique et grammaire générative*, Paris, Ed. Université René Descartes, 1994, Plurilinguismes, n°8.

O CRIOULO DE SANTIAGO (REPÚBLICA DE CABO VERDE)

- CHAUDENSON Robert, *Les créoles*, Paris, Ed. Presses Universitaires de France, 1995.
- CHILDS Tucker G., «Expressiveness in Contact Situations: the Fate of African Ideophones», *in: Journal of Pidgin and Creole Languages*, Amsterdam, Ed. Benjamins, 1994, Vol. 9:2.
- CLANCY CLEMENTS J., «Foreigner Talk and the Origins of Pidgin Portuguese», *in: Journal of Pidgin and Creole Languages*, Amsterdam, Ed. Benjamins, 1992, Vol. 7:1.
- Comité International des Études Créoles. *Études créoles*, Montréal-Ottawa, Ed. AUPELF-UREF, 1992.
- Confluência. Revista do Instituto de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Ed. Liccu Literário Português, 1996, 2º semestre, Nº12.
- COUTO Hildo Honório de, *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidjins*, Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1996.
- DE OLIVEIRA ALMADA Maria Dulce, *Cabo Verde, contribuição para o estudo do dialecto falado no seu arquipélago*, Lisboa, Ed. Junta de Investigações do Ultramar, Centro de Estudos Políticos e Sociais, 1961.
- ELIA Sílvio, «A difusão das línguas europeias e a formação das variedades ultramarinas, em particular dos crioulos», *in: V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, Coimbra, 1963, Actas*, Coimbra, Ed. Universidade de Coimbra, 1966, Vol. III.
- FERNANDES Armando Napoleão, *Léxico do dialecto crioulo do arquipélago de Cabo-Verde*, Mindelo, 1991.
- GILBERT Glenn G., *Pidgin and Creole Languages, Essays in Memory of John E. Reinecke*, Honolulu, Ed. University of Hawaii Press, 1987.
- GOODMAN, «Pidgin Origins Reconsidered», *in: Journal of Pidgin and Creole Languages*, Amsterdam, Ed. Benjamins, 1987, Vol. 2:2.
- GRANDA Germán de, *Estudios lingüísticos hispánicos, afro-hispánicos y criollos*, Madrid, Ed. Gredos, 1978.
- HAZAËL-MASSIEUX Guy, *Les créoles, problèmes de genèse et de description*, Aix en Provence, Ed. P.U.P., Publications de l'Université de Provence, 1996.
- HERCULANO DE CARVALHO, «Sobre a natureza dos crioulos e sua significação para a linguística geral», *in: V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, Coimbra, 1963, Actas*, Coimbra, Ed. Universidade de Coimbra, 1966, Vol. III.
- HOLM John, *Pidgins and Creoles*, Cambridge, Ed. Cambridge University Press, 1988.
- LANG Jürgen, «Estruturas eventualmente africanas no crioulo de Cabo Verde (Santiago)», *in: Papiá*, Brasília, 1994, Vol.III, nº2, pp. 171-172.
- LOPES DA SILVA Baltasar, *O dialecto crioulo de Cabo Verde*, Lisboa, Ed. Junta de Investigações do Ultramar, Centro de Estudos Políticos e Sociais, 1957.

- LUCCHESI Dante, «The Article Systems of Cape Verde and São Tomé Creole Portuguese. General Principles and Specific Factors», in: *Journal of Pidgin and Creole Languages*, Amsterdam, Ed. Benjamins, 1993, Vol. 8:1.
- MACEDO PEREIRA Donald, *A Linguistic Approach to the Capeverdean Language*, Ann Arbor (Michigan), Ed. UMI Dissertation Services, 1979.
- MATEUS Maria Helena, HORTA BRANCO António, & al., *Engenharia da linguagem*, Lisboa, Ed. Colibri, 1995.
- MEINTEL Deirdre, «The Creole Dialect of the Island of Brava», in: *Miscelânea Luso-Africana*, Lisboa, Ed. Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1975.
- MUFWENE Salikoko S., *Africanisms in Afro-american Language Varieties*, Athens (Georgia, U.S.A.)/ Londres, Ed. The University of Georgia Press, 1993.
- MÜHLHÄUSER Peter, *Pidgin and Creole Linguistics*, Oxford, Ed. Basil Blackwell, 1986.
- MUYSKEN Pieter & SMITH Norval, *Substrata Versus Universals in Creole Genesis*, Amsterdam/ Philadelphia, Ed. Benjamins, 1986.
- NARO Anthony J., «A Study on the Origins of Pidginization», in: *Language*, Baltimore, Ed. Linguistic Society of America, 1978, Vol. 54, n.º2.
- NUNES Arlene M., *Manual do crioulo cabo verdiano*, PST/ São Jorge, Ed. Corpo da Paz, 1991.
- PEREIRA Dulce, *O universo do crioulo*, Setúbal, Ed. Escola Superior de Educação, 1993.
- PERL Matthias, «A Reevaluation of the Importance of Early Pidgin/ Creole Portuguese», in: *Journal of Pidgin and Creole Languages*, Amsterdam, Ed. Benjamins, 1990, Vol. 5:1.
- POTTIER Bernard, «La formation des parlers créoles», in: *V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, Coimbra, 1963. Actas*, Coimbra, Ed. Universidade de Coimbra, 1966, Vol. III.
- QUINT Nicolas, *Dicionário de Caboverdiano-Português*, Lisboa, Ed. Verbalis, 1998, versão livro e CD-ROM.
- QUINT Nicolas, *Dictionnaire cap-verdien-français*, Paris, Ed. L'Harmattan, 1999.
- QUINT Nicolas, *Dictionnaire français-cap-verdien*, Paris, Ed. L'Harmattan, 1997.
- QUINT Nicolas, *Grammaire de la langue cap-verdienne*, Paris, Ed. L'Harmattan, 2000.
- QUINT [ABRIAL] Nicolas, *Lexique créole de Santiago-français*, Praia, Ed. do autor, 1996.
- Recherches actuelles pour les aires créolophones*, Paris, Ed. L'Harmattan, coll. *Espace créole 1983*, n.º5, 1983.
- RENEICKE John E., *A Bibliography of Pidgin and Creole Languages*, Honolulu, Ed. The University of Hawaii, 1975, Oceanic Linguistics Special Publication N.º14.

O CRIOULO DE SANTIAGO (REPÚBLICA DE CABO VERDE)

- SCHUCHARDT Hugo, *Pidgin and Creole Languages, Selected Essays*, Cambridge, Cambridge University Press, 1980.
- TARALLO Fernando & ALKMIN Tania, *Falares crioulos - línguas em contato*, São Paulo, Ed. Ática S.A., 1987.
- TODD Loreto, *Pidgins and Creoles*, Londres-New York, Ed. Routledge, 1990.
- VALDMAN Albert, «Pidgins et Créoles», in: *Les langues dans le monde ancien et moderne*, Paris, Ed. C.N.R.S., 1981, Hème partie.
- VALKHOFF Marius F., *Miscelânea luso-africana*, Lisboa, Ed. Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1975.
- VEIGA Manuel, *Diskrison strutural di lingua kabuverdianu*, Praia, Ed. Instituto Kabuverdianu di Livru, 1982.
- VEIGA Manuel, *Introdução à gramática do crioulo*, Praia, Ed. Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco, 1995.
- VIANA José, *Manual de lingua kriola, nu bai ta ratcha kriolu sen kanhenhe*, Praia, Ed. Corpo da Paz/ Cabo Verde, 1993.